

PODCAST CIÊNCIA SUJA

TEMPORADA 03, EPISÓDIO 5

Título: Negacionismo climático à brasileira

MATÉRIA DA CNN

Que a nossa Amazônia, por ser uma floresta úmida, não pega fogo. (...) Mais de 90% daquela área está preservada, está exatamente igual quando foi descoberto no ano de 1500.

THEO: O trecho que você acabou de ouvir é de uma matéria da CNN Brasil do dia 15 de novembro de 2021, quando o Jair Bolsonaro ainda era presidente. Poucos dias antes, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – o Inpe – havia divulgado dados que o Bolsonaro não gostou. [Segundo o instituto, 2021 foi o terceiro ano com o pior índice de queimadas no estado do Amazonas desde 1998](#), quando elas começaram a ser registradas. Foram mais de 14 mil focos de incêndio. Só o ano de 2005, na gestão do PT, e o de 2020, de novo com o Bolsonaro, superaram esse marco. E fica a ponderação que, depois de 2005, o governo Lula 1 deu início a um declínio histórico desses índices. Já de 2020 pra cá, o negócio continua dramático.

THAIS: Ao contrário do que Bolsonaro acredita, a Amazônia queima, e queima muito. E ela também é desmatada aos montes. Se o Pedro Álvares Cabral revivesse e voltasse ao Brasil hoje, e se ele não virasse um negacionista, veria que a Amazônia [já perdeu quase 20%](#) da sua cobertura original. E continua perdendo enquanto a gente grava esse episódio. O Bolsonaro já repetiu essa ladainha da “Amazônia não queima porque é úmida” em outras ocasiões. E mesmo quando falou de queimadas nesse bioma, ele botou a culpa em um ator inusitado:

FALA DO BOLSONARO

Pode estar havendo, pode, não estou afirmando, ações criminosas desses ongueiros pra indiretamente chamar atenção contra a minha pessoa, contra o governo do Brasil. Essa é a guerra que nós enfrentamos.

THEO: Para o Bolsonaro, membros de ONGs também tocam fogo nas florestas que não queimam para justificar o argumento de que o Brasil não consegue cuidar da Amazônia, e que, portanto, outros países devem tomar conta dela. Essa fala que você ouviu agora pouco, aliás, é de agosto de 2019, poucos dias depois do episódio que ficou conhecido como "O Dia do Fogo". E o dia do fogo na verdade foram os dias do fogo, no plural: entre 9 e 11 de agosto daquele ano, o número de queimadas em reservas florestais de Novo Progresso, Altamira e São Félix do Xingu aumentaram de

uma forma assustadora. Helder Barbalho, governador do Pará, [disse](#) que era "queimada de floresta para fazer pasto". [E aparentemente era mesmo](#). Uma investigação do Ministério Público constatou que os incêndios foram resultado de uma ação orquestrada por fazendeiros da região.

THAÍS: Em 2022, produtores rurais de Colniza, no Mato Grosso, quiseram repetir a dose e fazer uma segunda edição do Dia do Fogo. O plano só não foi 100% concretizado porque uma [investigação, a operação Jomeri](#), descobriu o combinado. Mesmo assim, algumas áreas foram incendiadas. Nenhum ongueiro foi encontrado entre os planejadores.

THEO: Se não tinha nenhum membro de ONG entre as cabeças do Dia do Fogo, se a floresta amazônica queima de verdade e está longe de estar preservada como há 500 anos... de onde Bolsonaro tirou essas ideias?

THAÍS: Então, a birra com as ONGs provavelmente veio do meio militar, que vê essas organizações como inimigas pelo menos desde os anos 70. É aquela mesma história de que elas usariam o discurso de proteção do meio ambiente e dos direitos indígenas como uma desculpa para entregar a Amazônia aos países desenvolvidos. Já o negócio de que a Amazônia não pega fogo, que ela está praticamente intocada, vem de alguns negacionistas profissionais que se infiltraram em instituições de ensino nacionais.

SONORA DO PROGRAMA DO JÔ SOARES

Ricardo Felício: "Então as florestas, o nome técnico das florestas em inglês é *rainforest*. Então assim: florestas de chuva. A floresta está lá porque chove, não chove porque tem floresta

THAÍS: Esse aí é o climatologista Ricardo Felício, professor da USP, numa entrevista famosa que ele deu para o Jô Soares em 2012. Ele também disse que, se você arrancar fora todas as árvores da Amazônia, em 20 anos está tudo nascendo de novo. Você vai ouvir mais dele e de outros personagens que seguem essa mesma linha.

THEO: Ok, só que o que está por trás disso? Ou seja, o que une o discurso dos militares, esse papo furado do Felício, o Bolsonaro e até setores da esquerda? Quem promove e quem molda o negacionismo climático no Brasil?

THAÍS: Boas perguntas. Nesse episódio, a gente vai desconstruir a roupagem científica que tentam dar para ideias absurdas, como a de que o aquecimento global não existe, ou pelo menos não foi causado por seres humanos. Você vai ver como tem

toda uma engenharia oculta por trás desses raciocínios tortos. Eu sou a Thaís Manarini.

THEO: E eu sou Theo Ruprecht. Esse é o quinto episódio da terceira temporada do Ciência Suja, o podcast que mostra que, em crimes contra a ciência, as vítimas somos todos nós.

MÚSICA DE ABERTURA

REUNIÃO ENTRE MEGHIE RODRIGUES E ALEXANDRE ARAÚJO COSTA

Meghie: Ia ser um buraco sem fundo, assim ia ser um negócio sem fim. Eu falei “não, talvez é melhor a gente começar pelas perguntas mesmo e começar a discutir”, né professor.

THAÍS: Essa aí é a Meghie Rodrigues preocupada com o tamanho que esse episódio poderia ficar. E aliás a primeira versão do roteiro estava com 45 páginas, sendo que na média a gente fecha com umas 20, 25 páginas.

THEO: A Meghie é muito humilde para se apresentar como eu vou falar agora, mas ela é uma das principais jornalistas de ciência e meio ambiente no Brasil. A Meghie viaja tanto que esse roteiro aqui foi escrito em três países diferentes. Então a gente já estava feliz demais por ela ter se inscrito na nossa chamada de pautas. Só que a outra pessoa que está nessa reunião aí do começo de março, o professor que ela citou, provou que o Ciência Suja zerou a vida.

REUNIÃO ENTRE MEGHIE RODRIGUES E ALEXANDRE ARAÚJO COSTA

Alexandre: Porque ele é puramente um ato de má fé, né? A confusão proposital de tempo com clima, né?

THEO: Está aí o professor Alexandre Araújo Costa respondendo a alegação absurda de que não existe aquecimento global porque há vários dias frios no ano. Tem filho de ex-presidente que falou isso, então eu vou pecar pelo óbvio: sim, gente, a ideia de que o clima está esquentando não significa que nunca mais a gente vai ter que usar casaco. Em algumas condições, o aquecimento global até favorece eventos extremos de frio.

THAÍS: Calma, Theo. A gente está apresentando o professor Alexandre aqui.

THEO: Verdade. O Alexandre é professor na Universidade Estadual do Ceará. Ele é físico e tem doutorado em ciências atmosféricas pela Universidade do Estado do Colorado, com direito a pós-doc na Universidade Yale. O Alexandre também foi um dos

autores principais do primeiro relatório do Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas. E esse cara, com esse currículo, inscreveu uma pauta na nossa chamada.

THAIS: O mais maluco é que as pautas da Meghie e a do Alexandre se complementavam. Enquanto ela queria abordar as particularidades do negacionismo climático no Brasil, ele estava propondo cruzar esse debate com interesses políticos e econômicos, e em especial com o movimento de extrema-direita. Então o que a gente fez foi botar os dois pra conversar; a Meghie como repórter, e o professor Alexandre como consultor.

REUNIÃO ENTRE MEGHIE RODRIGUES E ALEXANDRE ARAÚJO COSTA

Meghie: De acordo com a estrutura de apuração que a gente tem, em princípio a gente começaria por falar, o que que é desinformação climática, né?

THAÍS: Desinformação é um termo que você vai ouvir bastante nesse episódio. E quando a gente fala de desinformação, a gente não está se referindo a toda e qualquer informação errada que aparece no Whatsapp ou na TV. Como o doutorado que a Meghie está fazendo na Universidade Estadual de Campinas é justamente sobre desinformação em mudança do clima, eu vou deixar essa pra ela.

MEGHIE: Ei, pessoal, tudo bom? Antes, eu queria só dizer que eu estou muito feliz de estar aqui nesse episódio, alegria imensa, e eu peço desculpas pelas 40 páginas. A gente meio que se empolga, sabe? Mas, então, sobre a desinformação, eu vou pegar emprestado [o conceito da Claire Wardle, que é co-fundadora da First Draft](#), que foi um dos projetos de checagem de fatos mais importantes dos Estados Unidos. A desinformação é todo conteúdo intencionalmente falso e feito para causar dano. A Claire diz que quem produz desinformação geralmente é motivado por três fatores:

- 1) Ganhar dinheiro;
- 2) Ganhar influência política;
- 3) Só bagunçar o meio de campo mesmo.

MEGHIE: No caso das mudanças climáticas, uma das formas clássicas de desvirtuar o debate é criar falsas controvérsias. Essa técnica está bem descrita no livro "Os Mercadores da Dúvida", dos historiadores da ciência Naomi Oreskes e Erik Conway. O livro conta como a indústria do petróleo aprendeu a semear dúvida no debate público sobre mudanças climáticas com base no sucesso dos colegas de Relações Públicas da indústria do tabaco.

THEO: A gente inclusive falou disso no nosso episódio “Cigarro: o pai do negacionismo”, da primeira temporada.

MEGHIE: Verdade, e isso segue até agora. Olha só o que falou o geólogo Geraldo Lino, que é diretor do Movimento de Solidariedade Ibero-americana, numa entrevista a Luis Ernesto Lacombe no Programa Agora com Lacombe, da RedeTV, em 2021.

PROGRAMA DO LACOMBE

Geraldo Lino: Sendo que há cerca de 5, 6 mil anos, a temperatura do planeta inteira estava dois, três graus acima das atuais, e o nível do mar estava dois, três metros acima do nível atual. Isso paradoxalmente com menos gás carbônico na atmosfera que hoje.

Lacombe: O senhor está dizendo que o ser humano não tem essa influência toda que dizem que tem na Terra?

Geraldo Lino: É, as evidências, quando se avalia o histórico paleoclimatológico nessa maneira sugerem que está havendo exagero muito grande sobre a responsabilidade humana das oscilações climáticas nesses últimos dois séculos.

MEGHIE: Não, não exageraram, não. Além de bagunçar o meio de campo, esse tipo de fala rende influência política junto a grupos conservadores. Não é por acaso que o movimento que o Lino dirige faz parte desse ecossistema conservador no Brasil, se a gente pode dizer assim.

MEGHIE: Só que na verdade há um consenso científico apontando para um processo de aquecimento global, e para um aquecimento global causado pelos humanos. Pra entender mais sobre isso, eu falei com o Jean Ometto, que é pesquisador do Inpe e chefe da Divisão de Projetos Estratégicos por lá.

ENTREVISTA JEAN OMETTO

Qual é o Lastro da ciência para chegar a uma conclusão ou construir uma hipótese? O Lastro são dados, né? Então esse que é o grande lastro que a ciência tem.

MEGHIE: O Jean Ometto também é um dos autores dos últimos relatórios do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas, o IPCC. Para quem não sabe, o IPCC reúne cientistas do mundo todo para revisar o que se sabe sobre o assunto.

ENTREVISTA JEAN OMETTO

A gente está num período de aquecimento muito rápido e muito substancial com relação a essa série histórica, que é enorme, que é gigante, né?

MEGHIE: Então, essa série histórica que o Jean falou é a dos dados paleoclimáticos, de milhares e até milhões de anos. Aí eu perguntei para ele como a gente sabe dessas coisas.

ENTREVISTA JEAN OMETTO

Se a gente pegar para fazer uma analogia, né? Então, quando você olha um barranco aí de uma rocha, por exemplo, né? Você vai em algum lugar, o pessoal faz caminhada, olha, você vê camadas, né? Na rocha. Essas camadas indicam deposição de material e, normalmente, pode ser em períodos geológicos distintos. Então você tem a formação do planeta, ela se dá dessa forma.

MEGHIE: É como se cada camada tivesse impressões digitais que determinam o tempo geológico, e isso eu estou falando de uma escala gigantesca de tempo. Do mesmo jeito que pesquisadores conseguem estimar como vai ser o clima no futuro (e até no futuro distante), eles também conseguem estimar como o clima era há muito tempo, na casa dos milhares ou até milhões de anos no passado. Professor Alexandre, já que você está dando essa consultoria pra gente, me dá uma ajuda nessa? Pode ser uma mensagem por zap, sem problema.

WHATSAPP DO ALEXANDRE ARAÚJO COSTA

São muitas as fontes possíveis de dados para recuperar informações paleoclimáticas, ou seja, do clima do passado. Na escala de séculos a dois milênios, por exemplo, a gente consegue usar anéis de árvores, por exemplo, porque o aquecimento das árvores tem a ver com a temperatura, a precipitação, etc. Na escala de centenas de milhares de anos, nós temos algo formidável que são os registros da coluna de gelo da Groenlândia e principalmente da Antártica. Com elas, a gente consegue recuperar informação de concentração de CO₂ e temperatura dos últimos 800 mil anos, mostrando toda a alternância entre as chamadas glaciações, as Eras do Gelo, e os interglaciais, que são períodos mais quentes. Então são muitas as técnicas, as maneiras que os cientistas usam.

MEGHIE: Maravilha. Bom, esses são apenas dois exemplos. Há outras formas de fazer essa viagem ao passado também, incluindo análise de sedimentos do fundo do mar, material coletado em cavernas, tudo que a gente possa imaginar. Mas, nos últimos 150 anos, o pessoal começou a efetivamente medir a temperatura em vários locais do planeta, com termômetro mesmo. E aí foi ficando claro que houve um aumento consistente da temperatura global.

MEGHIE: Ainda no século 19, o cientista sueco Svante Arrhenius, e eu estou falando o nome dele mais devagar porque o nome é difícil mesmo, foi o primeiro a calcular a

possível subida de temperatura causada por um aumento na concentração de dióxido de carbono. De novo, lá no século 19. Depois, em 1938, um engenheiro britânico, o Guy Calendar, olhou para os dados e já dava para perceber que o mundo estava aquecendo. De lá pra cá, a ciência foi se aperfeiçoando e os cientistas basicamente confirmaram tudo isso.

THAIS: Legal, Meghie. E aqui vale reforçar também o papel do IPCC, que o Jean Ometto faz parte, lembra trabalha. O IPCC basicamente levanta informações científicas sobre as mudanças climáticas e compila tudo em relatórios que servem para orientar governos e outras instituições na esfera do meio ambiente. Ele analisa, vê o que é bom, retira o que é ruim, confronta dados contraditórios...

ENTREVISTA JEAN OMETTO

Eu trabalhei no capítulo 2 do IPCC, o grupo 2 foca em adaptação e vulnerabilidade.

THAIS: A versão resumida do último relatório, lançada agora no fim de março, tem quatro seções. O grupo que o Jean participou, o de adaptação e vulnerabilidade, olha para os impactos das mudanças climáticas sobre a humanidade e a biodiversidade. Esse grupo, o grupo dois, também analisa a vulnerabilidade que diferentes grupos humanos e ecossistemas têm em relação à mudança do clima e como todo mundo pode se adaptar. Ou não.

ENTREVISTA JEAN OMETTO

O grupo todo revisou mais de 40 mil artigos, né? Então é um trabalho enorme, um trabalho hercúleo, demora vários anos.

THAIS: Você ouviu certo: foram mais de 40 mil artigos revisados para chegar a conclusões como a de que os efeitos da atividade humana sobre o aquecimento global já estão provocando problemas climáticos. Ouça só esse trechinho do último relatório síntese, esse que saiu agora no fim de março:

VOICE OVER

Mudanças rápidas e generalizadas ocorreram na atmosfera, no oceano, na criosfera e na biosfera. As mudanças climáticas causadas pelo homem já estão causando muitos extremos climáticos e meteorológicos em todas as regiões do mundo. Isso tem levado a impactos adversos generalizados e perdas e danos para a natureza e as pessoas. As comunidades vulneráveis que historicamente contribuíram menos para as atuais mudanças climáticas são afetadas de forma desproporcional.

THAIS: Mas aí vem o pessoal do negacionismo climático, pega uma pesquisa bem meia-boca e quer tentar confrontá-la com a revisão de 40 mil artigos. Ou, pior, começa

a falar absurdos, como o de que o IPCC é formado por gente paga pela indústria X, ou pelo governo Y, e que eles querem causar um pânico comunista, sei lá. Pura bobagem, e o Theo vai explicar o porquê.

THEO: Gente, o IPCC reúne milhares de pesquisadores do mundo inteiro. Eles são de diferentes campos da ciência e de diferentes contextos – tem desde o matemático de uma megalópole até um sociólogo que estuda comunidades ribeirinhas, passando por biólogos, climatologistas e por aí vai. Além da questão científica, eles trazem diversas perspectivas de vida - ali tem gente de centro, de direita, de esquerda. E nenhuma dessas pessoas ganha um centavo para participar do IPCC. É um trabalho voluntário, e que claro que dá prestígio também.

ENTREVISTA JEAN OMETTO

E como é que as pessoas são escolhidas? Tem um crivo que é da própria comunidade, que são, vamos dizer, são pessoas que a primeiro tem uma intenção de trabalhar voluntariamente pro IPCC. Então todos os autores são voluntários.

THEO: Ok, então o primeiro ponto é estar disposto a ser voluntário. Check. Aí...

ENTREVISTA JEAN OMETTO

Normalmente a chancelaria dos estados fala: “olha, essas pessoas aqui tem um perfil de produção de história científica ou de uma série ou de distribuição de gênero, distribuição de regiões. Dentro dos que se voluntariaram.” E aí as pessoas em dia, os governos indicam pro IPCC.

THEO: Aí os estados propõem nomes de pessoas respeitadas na área, e que representem a população desses estados. Beleza.

ENTREVISTA JEAN OMETTO

O IPCC faz uma segunda seleção, que é um critério obviamente científico, da relevância daquelas pessoas. Faz também um balanço de gênero, faz um balanço de região no Globo.

THEO: Já deu para entender que tem todo um processo pra reunir gente qualificada e que trabalha de graça. Atualmente, o IPCC só paga [14 funcionários e 4 estagiários](#) de um secretariado para ajudar a organizar o trabalho desses milhares de cientistas colaboradores. Então, quando alguém disser que os milhares de pesquisadores que atuam no IPCC recebem para trabalhar a mando da ONU num plano de dominação global, pode ter certeza que é uma desinformação.

RESPIRO

THAIS: De volta para aquela reunião entre a Meghie e o Alexandre.

REUNIÃO ENTRE MEGHIE RODRIGUES E ALEXANDRE ARAÚJO COSTA

Meghie: Qual que vai ser o nome certo pra gente falar, pra gente entrevistar dessa coisa do olavismo, neoliberalismo, da extrema-direta, o que tá por trás desse discurso. O senhor sugeriu a Alyne Costa.

Alexandre: Sim.

Meghie: Tem também a Tatiana Roque.

Alexandre: Sim, Tati Roque é muito boa.

THAIS: Como a Meghie e o professor Alexandre não estavam para brincadeira, eles marcaram entrevistas com essas duas craques. A Alyne Costa você vai conhecer mais para frente, mas agora é a hora de ouvir a Tatiana Roque.

THAIS: A Tatiana Roque é professora do Instituto de Matemática da Universidade Federal do Rio de Janeiro e chegou um pouquinho atrasada na nossa conversa, porque desde o começo do ano ela é secretária de Ciência e Tecnologia da cidade do Rio. E não falta trabalho pra quem está nessas posições, realmente querendo melhorar as coisas. A Tatiana falou bastante sobre negacionismo e perda de confiança na ciência e na política no livro "O Dia em que Voltamos de Marte", lançado no fim de 2021.

ENTREVISTA TATIANA ROQUE

Por exemplo, no momento em que já era consenso na ciência que não existia eficácia comprovada de nenhum medicamento desses, cloroquina e ivermectina para covid, eles ainda estavam semeando a dúvida, dizendo: "Não, tem dois lados, tem alguns cientistas que acham que funciona assim, olha aqui". E aí eles mimetizam todo o arsenal da ciência para fazer parecer que aquele também é um ponto de vista científico. Por isso é muito perigoso.

THAIS: Quem está ouvindo a Tatiana e a gente falar pode até pensar que os cientistas não discordam em nada. Isso não poderia estar mais longe da realidade. Sobram debates no universo científico, mas são os dados e as informações de qualidade que ajudam a resolver as controvérsias e a criar consensos, e que quase simultaneamente também abrem portas para novas perguntas e discussões. Por isso que a ciência está sempre se movendo.

THEO: Na conversa com a Tatiana, ficou claro que o negacionismo é um movimento orquestrado que quer porque quer provar que focinho de porco é tomada. E, para isso, ele distorce fatos e finge que há um debate científico onde, na verdade, não há. Por exemplo: ouve aqui o Luiz Carlos Molion falando sobre aquecimento global em uma entrevista para TV Brasil, em 2010.

ENTREVISTA NA TV BRASIL

Molion: Eu afirmo que não existe aquecimento global, porque já ocorreram no passado períodos que esteve mais aquecido do que agora.

THEO: O Molion é meteorologista e professor aposentado da Universidade Federal de Alagoas. A gente vai falar mais para frente de possíveis razões para o Molion e mais uma turma abraçarem o negacionismo climático. Mas a gente separou essa entrevista dele para você ver como essa turma usa argumentos falaciosos, meio com cara de ciência, para justificar absurdos.

ENTREVISTA NA TV BRASIL

Note, em 1946, depois da Segunda Guerra Mundial, o homem lançava na atmosfera menos de 10% do carbono que lança hoje. Portanto, fica muito difícil dizer que o aquecimento entre 1925 e 1946 foi devido à ação humana.

THEO: Aliás, para o Molion a Terra vai esfriar.

ENTREVISTA NA TV BRASIL

Então nós estamos no período, como você disse, às vésperas de uma Nova Era Glacial.

THEO: Segundo ele, aquecimento global é balela e a gente estaria nos últimos anos de um momento mais quentinho do planeta, às portas de uma nova era glacial. Assim, mas dentro de uma nova Era do Gelo? Agora? Sério? Bom, como disse o Alexandre Araújo, o nosso consultor aqui para o episódio, o Molion é uma espécie de Osmar Terra do clima.

WHATSAPP DO ALEXANDRE ARAÚJO COSTA

O Osmar Terra sempre foi o cara que fazia previsões que a pandemia iria acabar rapidinho. Por exemplo: em abril de 2020, ele disse que a pandemia iria durar apenas 30 dias. A gente sabe o que aconteceu. O Molion faz a mesma coisa: desde 2009, ele deu uma primeira declaração pública dizendo que o mundo iria esfriar nas duas décadas seguintes. Essas duas décadas estão acabando, e a gente sabe que o mundo apenas aqueceu desde então. Mas não satisfeito ele renovou essa previsão em 2014, falando de resfriamento global nos próximos 15 anos. E, em 2020, vejam só, deu mais uma declaração pública prevendo um resfriamento por 22 anos, sendo que a gente sabe que não tem nenhuma evidência que esse resfriamento possa acontecer.

THEO: Mas e os argumentos que ele usou aí? De que a gente está num interglacial, de que a Terra já foi mais quente...

WHATSAPP DO ALEXANDRE ARAÚJO COSTA

É o lance da meia verdade, né. Nós estamos em um interglacial, ou estávamos em um interglacial, conhecido inclusive como Holoceno. Os últimos 11 700 anos seguintes à última grande glaciação. Importante dizer, no entanto, duas coisas. Primeiro: com um 1,2 grau Celsius de aquecimento global em relação ao período pré-industrial, nós já estamos fora da faixa de temperaturas do Holoceno, que caracterizava aquele período estável no qual a civilização humana floresceu. Segunda coisa: vamos comparar o aquecimento global, em que a temperatura global subiu 1,2 grau Celsius em 100 anos com o último aquecimento global natural, que foi justamente a saída da glaciação para o Holoceno. Foram necessário 10 mil anos para a temperatura global subir 4 graus. A gente está falando, portanto, de uma taxa de 1,2 grau Celsius por século de aquecimento hoje contra 0,04 grau Celsius por século para a saída da última glaciação. Ou seja, temos hoje um aquecimento 30 vezes mais acelerado do que o último aquecimento natural que a Terra atravessou.

THAIS: O lance é que a gente tem o privilégio de contar com o professor Alexandre e com os nossos entrevistados para esclarecer esses pontos. Mas quando você vê alguém apresentando gráficos no meio de um monte de palavra complicada, fica difícil saber se aquele argumento tá certo ou não. Para a gente que não é climatólogo, é fácil se perder mesmo.

ENTREVISTA ALYNE COSTA

Nem todas as coisas em que a gente acredita, a gente acredita que a gente sabe e conhece profundamente.

THAIS: Com vocês, a Alyne Costa, como prometido.

ENTREVISTA ALYNE COSTA

Muitas das coisas que a gente acredita, a gente confia naquelas pessoas que disseram pra gente, né? Imagina, é humanamente impossível saber tudo. Então você passa cheque em branco nesse sentido o tempo todo, né?

THAIS: [A Alyne é professora do quadro complementar no Departamento de Filosofia da PUC-Rio](#). Ela estuda a fundo o negacionismo e coordena na PUC mesmo o projeto "A Terra e nós: educação, pesquisa e cidadania no Antropoceno". Ah, e Antropoceno é o apelido que algumas pessoas dão para essa época geológica que a gente está agora, quando o homem exerce um profundo impacto no planeta.

THAIS: Enfim, a gente não quer fugir muito do assunto da ciência suja por trás do negacionismo climático, mas isso que a Alyne falou é importante para entender o lugar onde a gente se meteu, né Meghie.

MEGHIE: Opa Thaís, com certeza. É aquilo: não tem como a pessoa que tá vivendo a vida dela checar toda afirmação que ela ouve de um dito especialista. E isso é uma oportunidade para charlatões que usam seus títulos para espalhar desinformação. A sacada que a Alyne tirou dos estudos para enfrentar essa onda negacionista é simplesmente acabar com essa imagem idealizada do especialista que sabe tudo.

ENTREVISTA ALYNE COSTA

E, como diria o Bruno Latour, abrir a caixa preta da ciência, mostrar como é que a ciência é feita, como é que ela é produzida, como é que você vai de um ponto a ponto de um artigo científico para uma imagem, sei lá, de telescópio. Depois, como é que você vai juntando essas peças a ponto de produzir um conhecimento confiável

MEGHIE: Se a gente continuar achando que o especialista é a fonte de todo conhecimento, ganha quem grita mais. E o Molion sabe gritar. O negócio é mostrar como a ciência é feita, como os dados são construídos, porque aí as pessoas começam a entender como os conhecimentos científicos são gerados. Elas começam a verificar os argumentos de um jeito mais maduro, a entender como o conhecimento científico evolui, o que é um consenso, e que o pessoal que foge do consenso precisa apresentar dados sólidos para quebrar esse consenso.

THEO: A Alyne inclusive critica bastante essa ideia de que a ciência e o cientista são entidades iluminadas, meio superiores, né Meghie.

MEGHIE: Com certeza, Theo. Essa é uma postura honestamente arrogante da academia. E eu não estou dizendo que todo cientista é assim, longe disso. Mas vai, tem um pessoal na universidade que ainda pensa que a ciência só ensina coisas para sociedade, e que ela nunca deve debater com outras esferas da sociedade, ou que é influenciada pela política. Gente, claro que é. E na real a gente sabe que, da eugenia à crise de opioides, a ciência foi usada para justificar absurdos horrorosos. Roda aí o feed do Ciência Suja no seu tocador e escolha seu episódio de preferência.

ENTREVISTA ALYNE COSTA

22'52": A gente sabe que, historicamente, a ciência foi evocada para mais uma série de questões que hoje são problematizadas. Ou seja, uma espécie de um universalismo de fundo europeu, né? Então tem essa questão histórica da própria, de como a ciência foi invocada para produzir uma, digamos, uniformidade-e destruir outros modos de existência

MEGHIE: O negacionismo vira a mesa dessa história. De um lado, ele se aproveita da desconfiança numa ciência que ficou distante da população, porque assim fica mais fácil questionar consensos. Do outro, ele usa o excesso de confiança que a gente deposita em pessoas carismáticas ou que defendem o que a gente gostaria de acreditar. É uma questão difícil de resolver, e que começa também revelando os interesses reais dos negacionistas.

THEO: Então na volta do intervalo a gente traz essas motivações “super dignas” – ironia aqui – dos negacionistas climáticos brasileiros, e de onde elas vieram.

INTERVALO

THAIS: Esse intervalo é para lembrar que o Ciência Suja está com um programa de financiamento coletivo na Orelo. É só entrar pelo site deles, procurar pelo Ciência Suja e assinar um dos nossos planos. Você pode ter acesso a conteúdos exclusivos, adesivos, sorteios de livros... E fica aqui também o nosso obrigado mais do que especial aos nossos apoiadores do Plano Paladinos da Ciência: André Lemos, Tereza Gonçalves e Maurício Terra.

THEO: O Ciência Suja tem o apoio do Instituto Serrapilheira. Aliás, o Serrapilheira também apoia algumas iniciativas do Átila Iamarino, o divulgador científico que você deve conhecer. E a gente tá super orgulhoso de dizer que estamos tocando uma série de vídeos com ele, no canal de Youtube do Átila. Depois vê lá e conta o que achou do nosso vídeo de estreia, sobre eugenia.

VOLTA DO INTERVALO

ENTREVISTA TATIANA ROQUE

Eu acho que o governo Bolsonaro, ele foi todo baseado em negacionismo, né? Como eu disse, o negacionismo é parte dos instrumentos de exercício do poder da extrema-direita, né? E não tem exemplo melhor de como isso foi operado no Brasil do que durante a pandemia.

THAÍS: Essa é a Tatiana Roque de novo. E aí ela estava contando como o negacionismo em geral, e o negacionismo climático em específico, são importantes pra ideologia da extrema-direita.

ENTREVISTA TATIANA ROQUE

Então a gente vê como essas coisas, elas estão interligadas, né? Ele precisa disso,

porque ele precisa combater a democracia, ele precisa combater a ciência estabelecida. Isso é parte do projeto da extrema-direita.

THAÍS: Calma que a Tatiana vai ajudar a gente a entender esse elo.

ENTREVISTA TATIANA ROQUE

Nossa democracia foi construída com base em instituições e com base em mediações, em instituições que fornecem pareceres técnicos para embasar as decisões políticas. É o papel dos especialistas

THAÍS: É claro que muitas decisões políticas não se baseiam em argumentos técnicos ou mesmo na ciência. Mas pensa como um estado minimamente saudável e democrático é apoiado por instâncias técnicas, e tem até seus poderes limitados por elas. Olha para a Anvisa, sei lá. Não estou falando que a Anvisa é perfeita, e que ela só toma decisões técnicas e 100% acertadas – até porque isso não existe, dentro ou fora da ciência. Mas a verdade é que, quando a Anvisa aprova ou rejeita um medicamento, em tese ela faz isso seguindo um monte de critérios técnico-científicos, e também regulatórios. E ela faz isso independente da pessoa que está sentada na cadeira do presidente, ou de qualquer outro cargo político. Entre aspas, ela tira o poder do governante de liberar tratamentos para a população.

THEO: A democracia é assim. Ela é cheia de freios e contrapesos, de instituições que regulam o poder dos governantes e até tomam decisões apesar deles. Mas políticos populistas e autoritários não gostam de ser freados.

ENTREVISTA TATIANA ROQUE

E isso mostra porque a extrema-direita precisa enfraquecer esses organismos, porque a extrema-direita não quer ter o seu poder diminuído, tolhido, limitado. Porque eles são autoritários, eles são antidemocráticos. E essas instituições, por definição, elas existem para diminuir o poder do governante.

THEO: Segundo a Tatiana, isso explica porque, por exemplo, o Bolsonaro queria passar um trator em instituições como a Anvisa e também nas universidades, que faziam um contraponto científico aos desmandos dele.

THAÍS: Mas a ligação do negacionismo climático com a extrema-direita não é de hoje. Sabe a TFP, a organização Tradição, Família e Propriedade? Que depois virou Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade? Não? Então, a TFP foi fundada em [1960](#) por um pessoal ultraconservador e de uma vertente católica bem tradicionalista. Para quem não sabe muito o que essa linha religiosa mais radical

defende, eu sugiro ouvir depois o episódio do Ciência Suja sobre design inteligente, da segunda temporada.

THAIS: A TFP tinha toda uma inspiração anticomunista, e de defesa da família tradicional brasileira. Ela esteve super envolvida em marchas como a da Família com Deus pela Liberdade, que aconteceu em 64 e ajudou a sustentar o começo da ditadura. Eram os “cidadãos de bem” da época da ditadura, vai. E o pessoal da TFP era super pró-regime militar e também era contra os direitos de homossexuais e outras minorias.

THAIS: Pois bem, [um texto muito interessante do Renan William dos Santos](#), que é doutorando em sociologia na USP, conta que grupos como a TFP propagavam pelo menos desde a década de 90 teorias anti-ambientalistas inspiradas em conspirações. O Renan escreveu que, em 1992, a TFP chegou a realizar um evento de oposição à Eco-92, aquela famosa conferência de discussão ambiental no Rio de Janeiro.

THEO: Esse evento foi chamado de "Eco-92 - Vozes Alternativas". Ele contou com a presença de expoentes da pauta anti-regulatória, como o economista Fred Smith Jr., que era presidente de um think tank libertário chamado Competitive Enterprise Institute. Porque tem isso também: assim como a extrema-direita, o negacionismo climático costuma estar associado a pautas que pedem o fim de qualquer regulação econômica. Mas enfim, uma das pessoas que estava nesse evento era o Evaristo de Miranda, um pesquisador bem conhecido em Brasília por ser da dita "contra-corrente".

THEO: A gente já vai chegar no Evaristo de Miranda. Antes, eu queria retomar a história da TFP. É que esse movimento foi sofrendo mutações com o tempo e aí uma vertente dele fundou o Instituto Plínio Corrêa de Oliveira, o IPCO. O Plínio, aliás, foi o primeiro presidente da TFP. [Dá uma olhada no que o próprio IPCO coloca entre as suas principais missões:](#)

VOICE OVER

Fazer conhecer no Brasil e no exterior as obras, o pensamento contrarrevolucionário, a atuação de repercussão de meio século de sua luta antissocialista, anticomunista e antiprogressista em defesa da igreja, da civilização cristã, do Brasil.

THEO: A gente está contando isso, porque em 2012, esse instituto abriu espaço para uma palestra do Luiz Carlos Molion, aquele meteorologista que diz que a terra vai esfriar, o Osmar Terra do clima. A ideia desse evento era contrapor a conferência Rio+20, um evento que comemorava o legado da Eco-92 vinte anos depois.

PALESTRA DO LUIZ CARLOS MOLION

Então, como justificar interglaciais passados com temperaturas superiores 6 a 10 graus do que nós temos hoje, com concentrações de CO2 que eram inferiores às de hoje e as temperaturas mais baixas?

THEO: Em 2015, [foi o Ricardo Felício que participou de um evento do IPCC](#) que defendia a revogação do Acordo de Paris. E o Felício é aquele cara que falou no Jô que mesmo que você desmatasse toda a Amazônia, em 20 anos a floresta estava de volta. Hoje, o Molion, o Felício e o Evaristo de Miranda são os principais expoentes do negacionismo climático no Brasil. E os três de alguma forma estão ligados à TFP e aos seus filhotes institucionais. Eu estou reforçando isso para dizer que na lógica dessa ala mais radical da direita, o verde do ambientalismo foi substituindo o vermelho do comunismo numa espécie de cruzada contra a propriedade privada.

THAIS: Mas está enganado quem pensa que o negacionismo climático é exclusividade de alas conservadoras e da extrema-direita. Tem um segmento desenvolvimentista de esquerda que também reverbera esse discurso, embora a esquerda hoje em geral não abrace mais esse papo. É aquele negócio: se o Bolsonaro é negacionista climático, eu que sou de esquerda não posso continuar sendo também. Mas enfim, um caso emblemático dessa esquerda anti-ambientalista envolve o Aldo Rebelo.

THAÍS: Ok, hoje você até poderia argumentar que o Aldo Rebelo deu uma endireitada, mas entre 2009 e 2010 ninguémalaria isso. Na época, ele era deputado federal por São Paulo pelo PCdoB, e foi relator da proposta de alteração do Código Florestal brasileiro. E aí tem uma cena muito interessante que o Jean Carlos Hochsprung Miguel, que é professor da Unicamp, [contou em um artigo](#). No finalzinho de 2009, o Aldo Rebelo convidou o professor Luiz Molion para uma audiência pública para discutir o código florestal. O Jean conta que o Molion já foi dizendo que não tinha que evitar desmatamento coisa nenhuma e que o dióxido de carbono, o CO2, não tem nada a ver com o clima global. Aí rolou essa cena aqui, que o Jean Carlos descreve naquele artigo:

VOICE OVER

O deputado Aldo Rebelo, ao final da exposição de Molion, acrescentou: “Naturalmente, aqueles que organizam, preparam e financiam encontros como o da COP não o estão fazendo para perder tempo, professor Luiz Molion, mas por algum interesse, creio eu”. Rebelo argumentou que o aquecimento global, assim como toda forma de pressão ambientalista internacional, estava inserida na “guerra comercial que enfrenta o Brasil com seus concorrentes no mundo”; e afirmou que “a luta em defesa do meio ambiente está mergulhada no espectro de uma disputa ideológica e comercial internacional”. Em seu diagnóstico, Rebelo acrescentou que “o poder público, das instituições de Estado,

é defender o valor da agricultura que melhora a qualidade de vida do povo”. Na visão de Rebelo, as leis ambientais no Brasil geram pobreza porque tiram o sustento dos agricultores mais pobres, tiram seus direitos de trabalhar a terra livremente. Rebelo se referia a isso como “uma nova forma de colonialismo” que estaria subjugando os povos dos países menos desenvolvidos.

THAIS: A história do código florestal brasileiro tá cheia de episódios envolvendo negacionistas, e a gente já chega lá. Mas esse caso do Aldo Rebelo serve para mostrar bem essa salada com agrotóxico que é o negacionismo ambiental à la Brasil. E esse é um tema muito especial pra Meghie.

MEGHIE: É, então. Eu acho incrível como um país como o nosso, que poderia ganhar muito dinheiro valorizando o meio ambiente, fica batendo cabeça e dando mole para argumentos que nem fazem sentido. A Tatiana Roque contou pra gente que o discurso que dá base para o negacionismo à brasileira foi importado dos Estados Unidos.

MEGHIE: Mas a gente importou muito mais a forma do negacionismo climático do que o conteúdo em si. O objetivo do nosso negacionismo é parecido: barrar regulações que possam combater as mudanças climáticas para preservar interesses financeiros. Mas os agentes não são 100% iguais.

ENTREVISTA TATIANA ROQUE

Essas pesquisas mostram que as pessoas acreditam nas mudanças climáticas e acredito que as mudanças climáticas estão acontecendo por causa da ação humana.

MEGHIE: Uma contextualização rápida: A Tatiana está falando aí da [pesquisa de opinião Mudanças Climáticas na Percepção dos Brasileiros](#). Ela foi feita pelo Instituto Tecnologia e Sociedade, do Rio, junto com o IPEC, que é o antigo IBOPE. Esse trabalho teve o apoio da Universidade Yale, que faz um levantamento parecido há alguns anos nos Estados Unidos.

MEGHIE: Essa pesquisa mostra que o brasileiro, na média, se preocupa com o aquecimento global e tem noção sobre as causas humanas das mudanças climáticas. Em 2021, 81% das 2 600 pessoas entrevistadas pelo projeto consideravam o aquecimento global uma questão muito importante. [E oito a cada 10 brasileiros acreditavam que esse aquecimento tem causa humana](#). Para efeito de comparação, só seis em cada dez norte-americanos acham que as causas do aquecimento global estejam ligadas à atividade humana.

MEGHIE: Nos Estados Unidos, a [indústria do petróleo](#) liderou, e ainda lidera, uma

ofensiva contra a ideia do aquecimento global em si, e do fato de ele ser causado pela atividade humana. Essa linha de argumentação também rola por aqui e as falas que você já ouviu do Molion são prova viva disso. Mas a Tatiana acha que uma parte considerável do negacionismo climático brasileiro tem um quê a mais de refinamento, e é mais focado em outro setor da economia.

ENTREVISTA TATIANA ROQUE

Aí entra o papel do negacionismo que é feito pelo agro, que é utilizado pelo agro, que é a esse, por exemplo, utilizado pelo Evaristo de Miranda. Que é esse dizendo que há uma compensação satisfatória nesse modelo produtivo. Muito difícil! Então na verdade é um negacionismo mais elaborado de certa maneira, porque ele já vai direto nas consequências.

MEGHIE: O que a Tatiana está dizendo é que uma linha argumentativa do nosso negacionismo climático é assim: “Ok, o aquecimento global até pode existir e até pode ser causado pelos humanos, mas não é tudo isso aí que a grande mídia está dizendo. O problema é que, se a gente combater o aquecimento global, vai acabar com a economia, e isso é muito pior”. Ou seja, é a lógica da emenda sair pior que o soneto.

THEO: E aí a gente chega ao Evaristo de Miranda, porque ele muitas vezes caminha por essa linha. É, é mesmo cara que foi naquele evento da TFP falar mal da Eco-92. O Evaristo foi [pesquisador da Embrapa por mais de 40 anos e dirigiu a Embrapa Territorial](#) em três ocasiões, de 1989 a 1991, de 2005 a 2009 e finalmente de 2015 a 2021. Para quem não sabe, a Embrapa é a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Antes de se aposentar, em 31 de dezembro do ano passado, ele também atuava como assessor direto da presidência da Embrapa. E como não poderia deixar de ser, foi o guru ambiental do ex-presidente Bolsonaro.

THAIS: Quando o Bolsonaro foi para o [plenário da ONU em 2019](#) dizer que a Amazônia estava praticamente intocada e que o Brasil é um dos países que mais preserva o meio ambiente, ele estava se baseando em dados do Evaristo de Miranda. E o Evaristo de Miranda dá dor de cabeça pros pesquisadores do clima desde muito tempo. Tem uma [ótima reportagem](#) do Bernardo Esteves na revista Piauí que conta como Miranda ajudou a bagunçar o debate sobre o código florestal brasileiro, lá por volta de 2012.

THAIS: Entre outras coisas, o código florestal brasileiro define quanto de vegetação nativa precisa ser preservada em propriedades privadas. A porcentagem de preservação depende de várias coisas, e aí o Evaristo de Miranda chegou dizendo que, [se a lei seguisse como estava](#), o Brasil não teria onde plantar, porque menos de um

terço das terras do país estavam disponíveis para agricultura. E que os agricultores deixariam de ganhar 3,1 trilhões de reais por ano (isso mesmo, trilhões). Claro que isso ajudou o agronegócio a fazer muito barulho. O argumento era: se continuar assim e se a lei for aplicada real oficial, vai faltar comida e a economia vai ruir.

THEO: Esse papo é baseado em um estudo que o Evaristo fez em cima de um levantamento de 2008 da Embrapa sobre a atribuição de terras no Brasil. Era uma espécie de mapa e usando esse mapa, ele calculou que a soma entre áreas protegidas e um código florestal funcionando iria colocar a produção de alimentos em risco.

THEO: O que não estava muito claro é como ele tinha chegado naquele “menos de um terço das terras abertas para o agronegócio”, até porque o Evaristo de Miranda não publica a maioria das suas pesquisas em revistas científicas sérias, que tem aquele processo de revisão dos pares, ou de outros cientistas da área.

THEO: Aí muitos pesquisadores ficaram com a pulga atrás da orelha e refizeram os cálculos para ver se achavam o mesmo número, mas eles nunca achavam. Enquanto o Evaristo insistia naquele “menos de um terço de terras para a agricultura”, ou em 29% para ser mais exato, [outros estudos](#) mostravam que 45%, ou quase metade do país, estavam disponíveis para produção de comida. Então não iria faltar alimento, já que tinha muito espaço para o agricultor brasileiro plantar. E aqui eu nem vou falar de produtividade por hectare. Pois bem, agora eu vou pegar o trecho mais revelador da matéria da Piauí:

VOICE OVER

Até que um membro da equipe da Embrapa revelou aos cientistas uma astúcia usada no cálculo. A lei estipula que a faixa de terra a ser preservada nas margens dos rios varia de acordo com a largura do próprio rio: quanto mais largo o rio, mais extensa a faixa de matas ciliares que precisa ficar intacta. Como não há dados disponíveis sobre a largura da maior parte dos rios da Amazônia, Evaristo de Miranda mandou sua equipe sempre considerar, para o cálculo da área protegida nas margens, o maior valor possível. O resultado é que a área sob proteção ficou enorme e as terras disponíveis para a produção encolheram. Os cientistas, seguindo a pista do colaborador da Embrapa, refizeram os cálculos e chegaram ao número de Miranda.

THEO: Estava desvendada a fábula da margem do rio e a malandragem do Evaristo de Miranda. Para criar um argumento sensacionalista, o de que iria faltar comida por causa do código florestal, ele considerou todo riozinho como sendo o Rio Amazonas e fez um cálculo absurdo.

THAIS: Em 2011, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e a Academia Brasileira de Ciências lançaram um volume com contribuições para a discussão do Código Florestal. Mas aí o Evaristo de Miranda já tinha invadido a mente dos parlamentares. O Antônio Nobre, relator desse trabalho, falou: “Valeu a voz dele contra toda a comunidade científica”.

THAIS: O resultado desse furdúncio todo foi um código florestal desidratado. Como bem lembrou a Giovana Girardi [numa reportagem para a Folha de São Paulo](#), o Congresso ainda aprovou a anistia a desmatamentos ilegais até 2008. E esse é só um exemplo. O Evaristo de Miranda aprontou várias outras, tanto que chegou a ser cotado para ministro do meio ambiente do Bolsonaro. Mas não aceitou.

THAIS: Para entender um pouco do estrago da gestão Bolsonaro, a Meghie conversou com a [Taciana Stec. que é pesquisadora e coordenadora de dados do Instituto Talanoa](#), uma organização da sociedade civil com foco em política climática. O que a gente queria entender é como toda essa desinformação sobre clima e meio ambiente se concretizou na agenda política do último governo.

ENTREVISTA TACIANA STEC

A gente encontrou diversas ordens de grandeza, de desregulação e flexibilização. Desde normas, assim, de pormenores que facilitavam o desmatamento, que deixavam mais branda a questão de multas, de embargos de infrações ambientais como um todo, até o desmonte efetivo dos órgãos.

THAIS: E quando a Meghie perguntou sobre as principais ações contra o meio ambiente dos anos Bolsonaro, a Taciana não sabia nem por onde começar.

CLIQUE TACIANA STEC

“Norma que realocar cargos de comissão que tira a competência de um lugar e coloca em outro”

“A gente viu a ocupação dos militares, inclusive do ICM-BIO, no Ibama. Como jamais visto”

“Uma das grandes questões relacionadas ao desmatamento foi a paralisação do PPCDAm-1, que era um programa muito efetivo no combate ao desmatamento”

“Então o Inpe foi questionado e, ao mesmo tempo que no discurso ele estava sendo questionado nas normas, nas normas ele estava sendo desmontado”A

“A gente teve perseguições dentro do Ibama e do ICM-BIO”

THEO: Ufa, acabou?

THAIS: Não, tem mais.

CLÍPE TACIANA STEC

“Ele criou um núcleo de conciliação para que essas multas não fossem pagas ou não fossem aplicadas, não fossem, não chegassem a condenação.”

“Na pesca, a gente teve muita flexibilização”

“Inclusão ou exclusão de espécies em listas ameaçadas de extinção, justamente para atender setores comerciais que querem, né?”

“Deixa eu pensar, são tantas, são, são muitas. Na parte de mineração, né?”

“Na questão indígena, a gente não estava vendo, não teve nenhuma demarcação de Terra. Isso foi um ponto do discurso. Ele falou: “Não vou demarcar nenhum centímetro”. E cumpriu, não foi demarcado nenhum centímetro”

“Permite a exploração madeireira em terra indígena”

THAIS: E isso foi só o que a Taciana tinha de cabeça.

REUNIÃO ENTRE MEGHIE RODRIGUES E ALEXANDRE ARAÚJO COSTA

Meghie: Aí eu acho que para falar de quem pagou a conta. Assim, eu acharia legal a gente entrevistar a repórter da BBC que fez essa matéria do Molion e do...

THEO: Do Molion e do Ricardo Felício, Meghie.

REUNIÃO ENTRE MEGHIE RODRIGUES E ALEXANDRE ARAÚJO COSTA

Meghie: Porque ela foi atrás das palestras de quem financiou, das aparições deles dois lá no plenário da câmara do Senado, bancados pela bancada ruralista.

THEO: Então vamos lá. Em novembro de 2021, a jornalista Juliana Gragnani, da BBC Brasil, publicou [uma reportagem com o título:](#)

VOICE OVER

Agronegócio banca palestras que espalham mito de que aquecimento global pelo homem é fraude.

THEO: A Juliana resolveu caçar quem, nos três anos anteriores à reportagem, bancava palestras do Luiz Carlos Molion, que acredita que a terra vai esfriar, e do Ricardo

Felício, o cara que diz que se você desmatar a Amazônia toda, em 20 anos ela ressuscita.

THEO: A Juliana contou pelo menos 20 palestras dos dois e descobriu que entre os financiadores estavam associações e sindicatos de produtores rurais, cooperativas e universidades federais. E a Meghie conseguiu conversar com ela. A Juliana está na BBC em Londres e trabalha numa equipe que cobre campanhas de desinformação pelo mundo.

ENTREVISTA JULIANA GRAGNANI

Eu não parti de nenhum pressuposto, de que talvez o agronegócio financie eles e tal. Eu fui encontrando isso e descobri. E também vi que não é o agronegócio, mas uma parte do agronegócio no Brasil. E tinha muitas empresas ali que eram pequenas, produtores rurais, empresas de venda de insumo agrícola.

THAIS: E ela foi entender por que esses diferentes produtores endossam esse tipo de discurso.

ENTREVISTA JULIANA GRAGNANI

O que eles disseram é que muitos simplesmente concordam com essa falsa tese de que as mudanças climáticas são uma fraude ou que não são causadas pelo homem. O vice-presidente da Associação de Produtores de Soja e Milho do Mato Grosso, a Aprosoja, me disse que chamou um dos professores, o Ricardo Felício, para fazer um contraponto ao que é dito pela mídia.

THAIS: Mas claro que essas palestras do Molion e do Felício também ajudavam a absolver esses ruralistas de práticas que prejudicam o meio ambiente.

ENTREVISTA JULIANA GRAGNANI

Então, disseminar essa tese para os seus funcionários, para o seu público, para os alunos, ela também serviria a ser propósito de eximi-los, de adotar medidas que estancariam o avanço das mudanças climáticas. Para as quais eles sabidamente contribuem.

THAIS: A Juliana também encontrou uma conexão entre esses negacionistas climáticos e membros do alto escalão da política.

ENTREVISTA JULIANA GRAGNANI

Em maio de 2020, o Molion foi convidado pela Secretaria de Agricultura e Pecuária do estado do Tocantins. Então, ali ele afirmou que o aquecimento global é uma farsa, é um mito, para todo mundo que estava ali naquela palestra.

THAIS: Tiveram até militares envolvidos também - lembra que faz décadas que eles não gostam de ONGs ambientalistas?

ENTREVISTA JULIANA GRAGNANI

Depois disso, já mais recentemente, em 2021, ele fez uma palestra que foi organizada pela ONG do ex-comandante do exército, o general Villas-Bôas. E ali, nessa palestra, ele estava do lado do então ministro da infraestrutura, que hoje é governador de São Paulo, o Tarcísio de Freitas. E o então vice-presidente Hamilton Mourão também participou desse seminário.

THAIS: Mas quando a Juliana falou um pouco antes que era parte do agro que bancava essas ideias, e não ele todo, é porque no fim das contas também é arriscado apostar as fichas no negacionismo climático.

ENTREVISTA JULIANA GRAGNANI

Exatamente. Um dos um dos professores que eu entrevistei chamou isso de agro-suicídio. Porque é exatamente isso. Essas mudanças climáticas vão afetar o agronegócio. Uma parte do agronegócio no Brasil já reconhece isso, e o fato de reconhecer isso também os beneficia.

THEO: Resumindo bem, o aquecimento global favorece eventos extremos e muda o clima de regiões, e isso já está começando a comprometer o agronegócio. O pessoal que compreende isso pulou do barco do Molion e do Felício faz tempo. Quem fica em geral está apostando em lucrar o máximo possível no curto prazo. Ou está fazendo isso porque nem lucraria nada se houvesse um maior empenho em aplicar a lei. Madeireiros ilegais, por exemplo. O cara não quer saber de um futuro verde com um agronegócio mais sustentável, porque nesse mundo ele não tem espaço.

THEO: Nós procuramos as pessoas e entidades citadas neste episódio por e-mail para se manifestarem. O primeiro a responder foi o Geraldo Luis Lino, aquele geólogo entrevistado no Programa do Lacombe. A gente chamou ele de doutor no e-mail, e ele começou dizendo para gente dispensar esse título, porque ele nem exerce carreira científica. Mas o Lino disse que sustenta, do início ao fim, tudo o que falou no programa. A gente reitera que, ao contrário do que ele alega, há um consenso científico de que os seres humanos são os grandes responsáveis por um processo recente e acelerado de aquecimento global.

THEO: Quem também respondeu foi o IPCO, a entidade que nasceu da antiga TFP e que sediou palestras do Luiz Carlos Molion e do Ricardo Felício. Na verdade, quem respondeu foi o Frederico Viotti, que é diretor de comunicação do IPCO e se descreve como monarquista no Twitter. Ele disse que, até onde o IPCO sabe, o Felício e o

Molion não são negacionistas, e que essa palavra, negacionista, inclusive é usada para coibir o debate científico. No e-mail, o Viotti afirma que, para considerar esses cientistas como negacionistas, seria necessário mostrar quais dados científicos eles alteraram ou falsificaram em suas análises. Do contrário, eles estariam apenas chegando a conclusões diferentes de outros cientistas. Isso é o que o Frederico Viotti disse, né. Bom, tanto nesse episódio quanto em outros locais, há mostras de como o Felício e o Molion deturparam o debate científico. A gente vai colocar as respostas completas do Geraldo Luis Lino e do IPCO no nosso site, o cienciasuja.com.br.

THEO: O Luiz Carlos Molion, o Ricardo Felício e o Evaristo de Miranda não retornaram nossos contatos.

THAÍS: Mas para a gente não fechar o episódio num clima tão ruim, o que dá pra fazer para enfrentar o negacionismo climático brasileiro? A gente pediu um áudio pro nosso consultor, o professor Alexandre, para ajudar a gente nessa.

WHATSAPP DO ALEXANDRE ARAÚJO COSTA

Acho que primeiro a gente precisa reconhecer que o problema existe. O negacionismo existe, está amplamente difundido pelas redes sociais, pelas plataformas. Ele tem vínculos econômicos e políticos que tornam esse negacionismo perigoso, instrumental, para determinados segmentos. E acho que, nesse caso, a receita é: nós não podemos deixar esses caras jogarem sem marcação. É preciso fazer a disputa da opinião pública, ganhar as maiorias sociais, ganhar os formuladores de políticas e os tomadores de decisão para o lado da ciência.

THAÍS: Interessante isso, professor. E a Tatiana Roque concorda com você, viu.

ENTREVISTA TATIANA ROQUE

Eu não acho que a gente deve ignorá-lo, de jeito nenhum. Eu acho que a gente tem que aprender a usar as armas e as ferramentas que eles usam muito bem, que são essas ferramentas da comunicação em redes. E que muitas vezes nós, do campo científico, não usamos tão bem.

THAÍS: Para ela, é necessário que a sociedade civil encare o problema em três frentes: na ciência, na política e na comunicação.

ENTREVISTA TATIANA ROQUE

É um problema difícil da gente atacar, porque é um problema que precisa que todas essas frentes ajam em conjunto, que são frentes que não costumam muito agir em conjunto. A política, a comunicação e a ciência.

THAIS: Tem muito trabalho a ser feito. A Tatiana comentou também que a gente precisa regular as plataformas que deixam o ódio correr solto na internet, mas fazer essa regulação de um jeito que não seja autoritário. A gente tem que desencastelar, descolonizar a ciência, trazer ela para mais perto das pessoas, e em especial para as pessoas mais vulneráveis. E a gente precisa que haja um lobby da ciência, ou que a ciência seja assessora das decisões políticas. Tudo isso junto e misturado. Parece complexo, mas é que, assim, a alternativa...

ENTREVISTA TATIANA ROQUE

Isso significa a possibilidade de extinção da humanidade no planeta Terra. Não é brincadeira, né? Então é claro que isso traz novos desafios para essa relação entre ciência, política e comunicação que a maneira como essa relação foi criada ao longo dos últimos 300 anos – essa é a história que eu conto no meu livro – não dá mais conta, não dá mais conta. A gente vai precisar de uma outra articulação.

THAIS: E aí? Bora discutir isso seriamente hoje? Ou a gente vai continuar empurrando a emergência climática pra próxima geração?

REUNIÃO ENTRE MEGHIE RODRIGUES E ALEXANDRE ARAÚJO COSTA

Meghie: não agora deu uma “DESdesesperada”.

Risos

Meghie: Eu tava tipo meu Deus do céu. Isso é muita coisa

Alexandre: Tô vendo que é fácil demais

THEO: Vocês que fizeram ficar fácil. Obrigado, Meghie, e obrigado, professor Alexandre.

THAIS: Um recadinho aqui antes de a gente terminar: o Ciência Suja faz parte da Rádio Guarda-Chuva, uma confraria de podcasts jornalísticos excelentes. E hoje a gente queria destacar o Pauta Pública, que é produzido pela Agência Pública. Todas as sextas, eles entrevistam jornalistas e outros convidados sobre reportagens e pautas que ajudam a explicar o Brasil, e que de certa forma até mudaram o país. É um conteúdo de muita qualidade, vale ouvir.

THAIS: O Ciência Suja é apresentado por mim, Thaís Manarini.

THEO: E por mim, Theo Ruprecht.

THAIS: Este episódio foi produzido e roteirizado pela Meghie Rodrigues, com a consultoria do professor Alexandre Araújo Costa. A edição de texto é do Theo. De 45 para 27 páginas hein, Theo. Está de parabéns.

THEO: Opa, valeu Thaís. Mas a verdade é que o roteiro original trazia ainda mais coisas incríveis e chocantes, que a gente teve que cortar por uma questão de tempo. A boa notícia é que o professor Alexandre vai produzir conteúdos adicionais sobre essa temática no canal dele no Youtube. Anota o nome aí: O Que Você Faria se Soubesse O Que Eu Sei. Sério, tem muita coisa boa lá.

MEGHIE: Então gente, o Theo cortou tanto do roteiro que até esqueceu de deixar um espacinho para eu agradecer aqui. Mas, olha, muito humildemente eu queria deixar meus agradecimentos. Obrigada pela oportunidade. Colaborar com vocês foi incrível, eu adorei. E espero que a gente repita a dose em algum momento.

THAIS: As trilhas e a edição de som são do Felipe Barbosa. Neste episódio, nós usamos áudios da CNN, Jornal da Record, Programa do Jô da TV Globo, programa Agora com Lacombe, da Rede TV, áudios do Instituto Plínio Corrêa de Oliveira (IPCO) e do programa 3 a 1, da TV Brasil. As vozes complementares são do Felipe Barbosa.

THEO: O projeto gráfico e a arte de capa do episódio são trabalho da Mayla Tanferri e do Guilherme Henrique. Nosso site, o cienciasuja.com.br, você vai encontrar materiais extras sobre esse episódio. O nosso site foi produzido pelo Estúdio Barbatana.

THAIS: Por lá você também vai encontrar a aba “Apoie o podcast”. Se tiver sobrando um dinheirinho no fim do mês, considere assinar um dos nossos planos. Assim você ajuda a gente a seguir com esse nosso trabalho.

THEO: Até daqui duas semanas, pessoal.